

**‘VAI APARECER NO JORNAL!’: O PAPEL IMPRENSA NA DIVULGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA NO PARÁ**

"BREAKING NEWS!": THE PRESS AND ITS ROLE FOR ARCHAEOLOGICAL
DISSEMINATION IN PARÁ

Renata de Godoy
Joyce Julie Lima Barroso

Como citar este artigo:

GODOY, Renata de; BARROSO, Joyce Julie Lima. ‘Vai aparecer no jornal!’: o papel imprensa na divulgação arqueológica no Pará. Cadernos do Lepaarq, v. XVII, n.34, p. 290-308, Jul-Dez. 2020.

Recebido em: 01/08/2020

Aprovado em: 19/11/2020

Publicado em: 22/12/2020

ISSN 2316 8412

‘Vai aparecer no jornal!’: o papel imprensa na divulgação arqueológica no Pará.

Renata de Godoy^a

Joyce Julie Lima Barroso^b

Resumo:

Arqueologia é um tema de interesse da mídia por diversos motivos. Entretanto, nem sempre a exposição do assunto é adequada para fins de divulgação científica, seguindo um padrão que coloca o tema mais enquanto empecilho para obras de infraestrutura, curiosidade e até como entretenimento. Em pesquisa nos dois jornais locais de maior expressão em Belém, no Pará, no período entre 2008 e 2015, percebemos qual o lugar da arqueologia na imprensa desta metrópole amazônica. Em Belém a arqueologia está em uma miríade de lugares de turismo e lazer, característica que não se refletiu em sua divulgação nas mídias analisadas. Concluímos que a arqueologia deixa de utilizar a mídia como importante ferramenta de divulgação científica.

Abstract:

Archeology is a topic of interest to the media for several reasons. However, the exposition of the subject is not always adequate for the purpose of scientific divulgation, following a pattern that places the theme more as an obstacle for infrastructure works, or as curiosity and even as entertainment. As we analyzed the two most important local newspapers in Belém, Pará, between 2008 and 2015, we could reflect upon the place of archeology in an Amazonian metropolis through its local press. In Belém, archeology is represented in all tourism and leisure spaces, a characteristic that was not reflected in the analyzed media. We conclude that archeology sub utilizes the media as an important tool for scientific dissemination.

Palavras-chave:

Arqueologia Contemporânea; Mídia; Arqueoturismo; Belém

Keywords:

Contemporary Archaeology; Press; Archaeotourism; Belém

^a Universidade Federal do Pará/UFPA, Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA) e Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU). Pesquisa financiada por bolsas de pós-doutorado, PDJ do CNPq (2013-2014) e PNPd Capes (2014-2016). E-mail: godoy@ufpa.br

^b Escola Municipal de Ensino Fundamental Adalberto Paraense, Historiadora pela UFPA, realizou a pesquisa enquanto bolsista de iniciação científica com financiamento da FAPESPA, edital Pibic 2015. E-mail: julimabarroso@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em 2020 assistimos perplexos a uma reunião governamental, em que o Presidente da República utiliza a expressão “cocô de índio petrificado” para se referir ao patrimônio arqueológico no Brasil. Na mesma ocasião presenciamos coletivamente um ataque orquestrado e institucional ao órgão de gerenciamento dos bens culturais em nível federal, o IPHAN, com a justificativa que se embarga obra demais no país. A arqueologia ganhou grande destaque na mídia nacional após este triste evento ter se tornado público, sendo que a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) ganhou destaque pela defesa e pelo respeito à memória nacional. Diríamos que este momento foi único, e que a arqueologia ganha espaço na mídia quando algo relacionado à sua atividade causa algum tipo de “incômodo” social. Mas no dia-a-dia, como a Arqueologia tem sido apresentada pela mídia no Brasil?

Neste texto apresentamos uma pesquisa inédita que analisou como a arqueologia tem sido divulgada nos dois principais jornais do Pará, *O Liberal* e *Diário do Pará*, entre os anos 2008 e 2015, a partir dos exemplares disponíveis online ou por consulta em arquivo. A investigação integrava uma pesquisa de pós-doutorado¹ voltada a compreender o fenômeno arqueoturístico no Estado. Tratou-se de uma pesquisa de iniciação científica que dentro da proposta do projeto visava avaliar o impacto que a divulgação da arqueologia pode causar na atividade turística, entendendo o patrimônio arqueológico local apropriado pelo setor como um produto desta indústria.

O artigo pretende apresentar dados inéditos de uma realidade que já foi analisada em outras regiões brasileiras, e assim construir um espaço de reflexão sobre um tema que ainda é pouco discutido no país. Pensamos sempre que nosso lugar é a produção de conhecimento, e colocamos sua transmissão em segundo plano. Nesse sentido, o presente artigo sugere que é sim nosso papel construir um diálogo efetivo com o público em geral, sendo a imprensa uma grande oportunidade subutilizada. A arqueologia é parte importante da nossa cultura, e ser reduzida ao coprólito é um sinal de alerta para a nossa ausência no debate.

TURISMO, ARQUEOLOGIA E MÍDIA

Analisar a arqueologia na contemporaneidade exige de pesquisadores pensar nas interações reais e imaginárias do assunto com a sociedade. Os “assuntos” costumam estar em contraste com os objetivos de uma pesquisa científica, e o fazer acadêmico e a produção e conhecimento no âmbito do licenciamento ambiental costumam inviabilizar tais análises, ou colocá-las em segundo plano dentro de pesquisas maiores. A relação de pesquisa arqueológica com a mídia também gera embates, pois nem sempre a informação é transmitida como gostaríamos, e a mídia tende a priorizar temas controversos, que atraem mais o leitor comum que um texto cheio de dados que precisam

¹ Pesquisa de pós-doutoramento intitulada *O Público e a Arqueologia: uma reflexão sobre os efeitos do turismo em sítios amazônicos*, PDJ/CNPq, 2013-2014; e PNPd/CAPEs, 2014-2016, supervisão de Dra. Denise P. Schaan, Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPA.

ser explicados. É importante também ressaltar que o que parece bobagem na divulgação científica tem potencial de causar estrago na pesquisa acadêmica. Como a mídia pouco se atenta à precisão da informação e muitas vezes não consulta o pesquisador antes de publicá-la, situação que gera desconfiança e que prejudica a relação entre os dois atores.

Turismo arqueológico ou arqueoturismo, por exemplo, é um assunto que costuma criar contradições que quase impedem sua discussão. É um tema melhor trabalhado para sítios e bens arqueológicos de maior visibilidade, se restringindo a avaliar a atividade que já existe, e pouco busca se inserir nos processos de construção do bem enquanto produto turístico. Temos dificuldade de lidar com questões econômicas, e em geral nos colocamos como críticos em prol da preservação. Entretanto, não se pode negar o interesse do público para consumo cultural, e neste ambiente existe sim atribuição de valor e comércio, seja através das visitas, ou na produção e venda de réplicas. Apesar de pouco discutida, o tráfico de material arqueológico também faz parte da cadeia turística (LIMA, MORAES, PARENTE, 2013).

O turismo é uma atividade econômica e no que se refere à sua qualidade enquanto mercadoria, seu processo de fabricação dá-se quando determinados segmentos econômicos incidem diretamente sobre ela, criando-a a partir das potencialidades naturais e culturais, que serão “oferecidas a consumidores que não desejam comprá-las, mas passar pela experiência de conhecê-la e usufruir de suas capacidades de proporcionar sensações prazerosas” (PEREIRA, FIGUEIREDO, 2005, p. 23). Ao tratar da questão do turismo ligado ao patrimônio, Bezerra (2012, p. 151) aponta para a necessidade de conceber o espaço do turismo arqueológico no sentido dado por Le Goff, como um escopo para a conexão entre passado e presente, não como um espaço físico transformado para o lazer. A arqueologia enquanto produto turístico ficaria vulnerável em sua proteção. São situações que impactam tanto bens quanto coletivos locais, que podem ser, todavia, positivas quando observadas para além de questões financeiras (GODOY, 2015).

No âmbito acadêmico o turismo conta com um histórico de rejeição. Na antropologia, por exemplo, essa temática era considerada irrelevante ou sem valor científico (BARRETTO, 2003). Esse caráter de pouco prestígio acadêmico se deu, sobretudo na área das ciências sociais. Não se pode dizer que existe uma antropologia do turismo, e sim que existem *antropologias* do turismo (GRABURN, 2009), e em sua maioria as temáticas envolvem conflitos gerados pela atividade turística, que podem ser sociais, étnicos, geracionais, de gênero, além dos tradicionais problemas causados pelo uso desordenado e pela crítica à autenticidade de atrações culturais que são adaptadas ao consumo turístico.

Barretto (2003, p. 16) lembra que “na década de 1970 prevalecia, na área do turismo, a ideia, difundida por organismos internacionais de desenvolvimento, que de que esta atividade estava destinada a salvar as economias do Terceiro Mundo”. Essa ideia encontrou opositores que apontavam a ação “predatória do turismo de massas, comparando os turistas com as hordas dos povos bárbaros que deixavam um rastro de destruição”. É possível visualizar a partir das reivindicações do turismo à preservação dos espaços e fonte de renda para as comunidades, como uma mudança no status desta prática. No entanto, respeitando-se o turismo no âmbito de seu próprio ofício importa pensá-

lo não como um auxiliador ou mecanismo de divulgação do patrimônio arqueológico, mas pelo viés de conciliação e até mesmo de um possível mutualismo entre estas áreas, no sentido da exploração turística paralela à preservação desses espaços. Não se pode pensar arqueologia na atualidade e sua apropriação pública sem considerar seu impacto turístico. E a informação para estes consumidores chega também através da mídia.

Ao pensarmos no grande público, um dos meios de divulgação patrimonial mais importante é a mídia em todos os seus formatos, e para o patrimônio arqueológico esta é uma problemática debatida em publicações acadêmicas nacionais e internacionais (BENZ, LIEDMEIER, 2007; DIAS, DELFINA, TEGA-CALIPPO, FERREIRA, GUIMARÃES, CAMARGO, 2013; FOWLER, 2007; HARDING, 2007; HOLTORF, 2007; SCHERZLER, 2007; TEGA-CALIPPO 2012; VENCLOVÁ 2007; entre outros). Aqui supõe-se que a quantidade e a qualidade de reportagens sobre arqueologia no *O Liberal* e no *Diário do Pará*, importantes periódicos do Estado, podem gerar reflexões sobre como, quando e por que o grande público tem recebido informação sobre arqueologia, e em consequência como estes meios de divulgação têm atuado como incentivadores do consumo arqueológico propriamente dito, na forma de turismo. Afinal, a pesquisa foi motivada por uma investigação na área do turismo, mas extrapola para refletir sobre a divulgação científica em meios de comunicação.

A ARQUEOLOGIA NOS JORNAIS PARAENSES

O objetivo principal da pesquisa realizada no âmbito do programa de iniciação científica² foi quantificar e qualificar as mídias impressas que vêm sendo utilizadas como meios de divulgação de sítios e coleções arqueológicas, com destaque para reportagens que também apresentarem propósitos turísticos no Estado do Pará. Naquele momento buscamos avaliar qual o impacto que as diversas mídias têm causado na efetiva divulgação e venda de patrimônios arqueológicos como produtos turísticos entre 2008 e 2015, e utilizamos dois periódicos para análise: *O Liberal* e o *Diário do Pará*.

Inicialmente estabelecemos 10 anos de janela para coleta de reportagens, entre 2005 e 2015, com foco nestes dois principais jornais do estado do Pará sediados em Belém, utilizando palavras-chave: arqueologia, arqueólogo/a, fóssil, escavação, ruína e tesouro. A escolha das palavras visou localizar todo tipo de reportagem, já que se sabe pela literatura que palavras como ‘tesouro’ frequentemente se referem à patrimônio arqueológico. Sabe-se que a expressão ‘tesouro’ “foi recorrente na Arqueologia pré-científica, como recurso de imprensa, mesmo contemporaneamente, para chamar a atenção do público, ainda que os tesouros não sejam objetos comercializáveis, mas preciosidades do conhecimento científico” (CÂNDIDO, 2008, p. 132).

Não pudemos iniciar a pesquisas no Jornal *O Liberal* em sua plataforma online a partir do ano de 2005 visto que só estão disponibilizados os exemplares a partir de 2008. De acordo com o planejado, terminada a pesquisa digital se iniciaria a pesquisa nos jornais impressos na hemeroteca

² Os primeiros seis meses foram desenvolvidos pela então discente do curso de História da UFPA, a bolsista Laysa Dayane Marques dos Santos.

da Biblioteca Arthur Vianna, em Belém/PA. Com base neste acervo seria possível consultar os anos pendentes da pesquisa digital de *O Liberal* (entre 2005 e 2008), bem como realizar pesquisa física do jornal *Diário do Pará*, no entanto o acervo encontrava-se interditado em virtude de uma obra no prédio, e, por conseguinte, indisponível para a pesquisa. Infelizmente o atendimento só foi restabelecido em fevereiro de 2017, o que impossibilitou a pesquisa conforme o Plano proposto inicialmente.

Para a coleta no acervo do *O Liberal*, pela disponibilidade da ferramenta de busca no seu acervo digital, o número (acima de 100 ocorrências) e o teor das reportagens direcionaram a pesquisa mais quantitativa. Notou-se de imediato a baixa ocorrência de reportagens sobre turismo arqueológico, e a influência das instituições de ensino e pesquisa locais na vinculação de reportagens.

No caso do *Diário do Pará* a pesquisa se deu em duas etapas distintas no site *Diário do Online* (DOL) e no acervo de edições; ambas estão disponíveis numa base de dados com reportagens entre os anos 2009 e 2015. Isto se deu em razão do acervo de edições não disponibilizar um mecanismo de busca por palavras-chave. E em função do tempo que seria necessário para uma busca ativa optamos pelo levantamento apenas das publicações de domingo, que têm um apelo maior de público. A primeira etapa se deu por meio da busca de palavras-chave no site do jornal e a segunda pela busca na edição eletrônica utilizando como método a busca ativa de um a um. Ao todo 36 reportagens foram localizadas, sendo 14 por meio do mecanismo de busca de palavras-chave, e 22 de edição em edição nos exemplares produzidos aos domingos.

RESULTADOS

Ao todo, 110 reportagens foram localizadas no acervo online do jornal *O Liberal*; a busca ocorreu em toda a base de dados disponíveis entre os anos de 2008 e 2015. Para este periódico as palavras-chave pesquisadas, *arqueologia* teve a maior incidência (40), seguida por *fóssil* (28), *ruína* (24), *escavação* (17) e *arqueólogo/a* com uma única ocorrência (Figura 1).

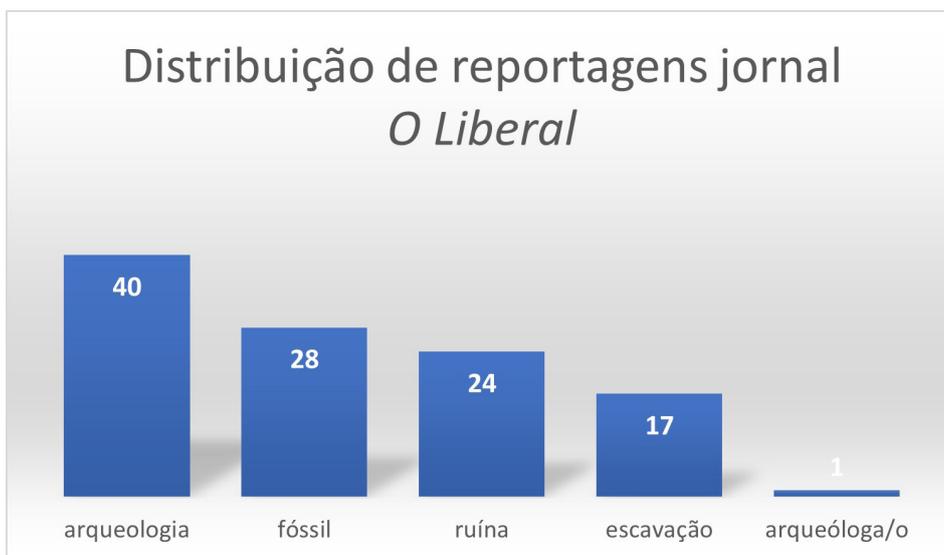


Figura 1: distribuição das 110 reportagens de acordo com a palavra-chave usada para sua localização.

Encontramos grande variação de ocorrências nos anos pesquisados, sendo o ano de 2012 o de maior incidência com 32 reportagens, seguido dos anos 2011 (21) e 2014 (20), 2008 (11), 2013 (10), 2009 (9), 2015 (4) e 2010 com três ocorrências, (Figura 2). Em relação aos dias da semana, as edições de domingo foram mais frequentes (24), seguidas pelas de quarta-feira (21), terça-feira (18), segunda (15), quinta-feira (14), sexta-feira (12) e sábado com seis (Figura 3).

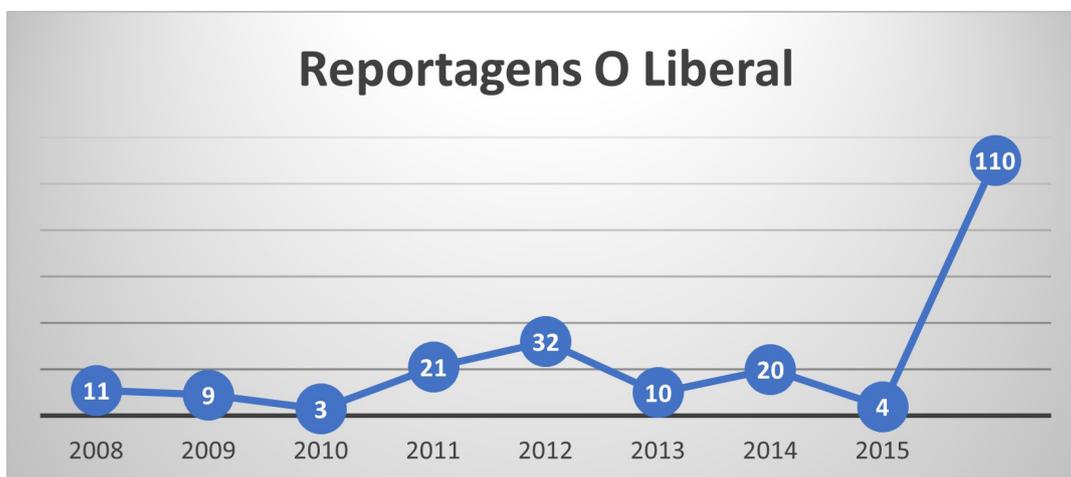


Figura 2: distribuição das 110 reportagens de acordo com o ano de publicação.

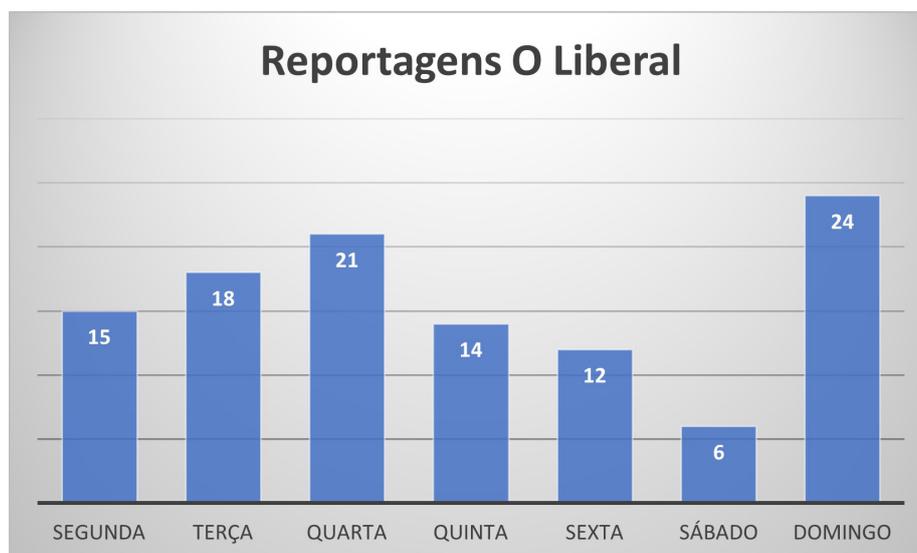


Figura 3: distribuição das reportagens de acordo com o dia da semana.

Já em relação aos cadernos onde as matérias foram localizadas, a maioria está classificada como *Atualidades* (38), seguido pelo caderno *Magazine* (28), *Poder* (19), *O Liberalzinho* (9), *Cidades* (3), *Polícia* (2), *Mundo* (2) e os cadernos *Mercado* e *Educação* com uma reportagem cada. O destaque fica para o ano de 2014, em uma sessão intitulada “NYT em parceria com O Liberal”, que apenas neste ano publicou sete reportagens localizadas na busca. A única reportagem no caderno *Mercado* foi uma nota sobre tártaro em dentes de Neandertais (dia 22 de julho de 2012), como se pode observar no gráfico a seguir (Figura 4).

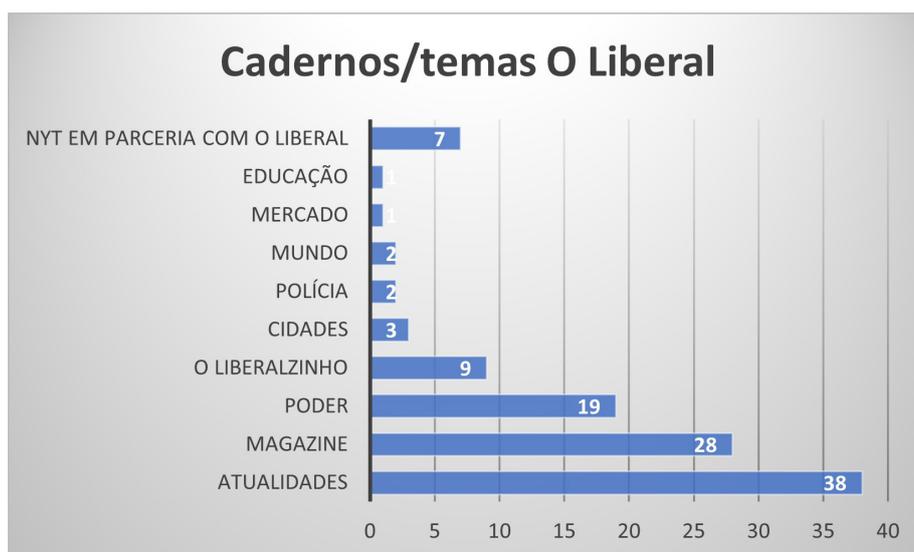


Figura 4: distribuição das reportagens de acordo com o tema/suplemento do jornal.

Ao contrário do observado por Cândido (2008) sobre jornais no Ceará, no Pará houve menção de paleontologia em matérias localizadas como de arqueologia. Foi interessante notar que *O Liberal* não vincula a palavra *fóssil* sempre ao patrimônio arqueológico, que é uma associação bastante comum. Todas as 28 reportagens localizadas por esta palavra-chave se referem a notícias sobre paleontologia. No entanto, a expressão aparece com bastante frequência nas reportagens sobre arqueologia, como por exemplo uma nota no caderno *Magazine* sobre a divulgação do I Encontro Internacional de Arqueologia Amazônica, de 12 de agosto de 2008, sob o título “Parque dos Dinossauros”. A única ocorrência localizada pela palavra-chave *arqueólogo* não se refere à reportagem sobre o tema, e sim relata que o pesquisador foi autor em área indígena do Peru.

Em relação a como as reportagens estavam distribuídas no periódico notamos que o caderno *Magazine* normalmente vincula notícias relacionadas a eventos sobre o tema, especialmente em Belém, mas também em outras cidades do estado. Entre os eventos estão desde exposições, cursos e palestras, até escavações e congressos. No caderno *Mundo* as notícias são relacionadas à sítios famosos, como as Pirâmides no Egito, que estão sofrendo algum tipo de ameaça. No caderno *O Liberalzinho*, voltado ao público infantil, a maioria das reportagens é sobre paleontologia. Das nove ocorrências apenas uma era sobre arqueologia. A reportagem do caderno *Polícia* é sobre uma obra paralisada em virtude da ocorrência de urbanas funerárias no Amapá (dia 06/01/2014).

No caderno *Atualidades* há também denúncias, além da divulgação de notícias relacionadas que muitas vezes espelham os conteúdos encontrados no caderno *Magazine*, como por exemplo, uma reportagem anunciando o fim das escavações no Engenho do Murutucu, publicada em duas edições (dias 30 e 31 de julho de 2014). Este caderno também exhibe reportagens curiosas ou bizarras, numa coluna intitulada “do outro mundo”. Neste caderno, por exemplo, saiu uma nota intitulada “Homo Homus: fóssil de 5 mil anos seria de um gay?”, sobre um sepultamento incomum em Praga (09 de abril de 2011). Ou no dia 08 de junho de 2012, em que foi localizada uma reportagem sobre a descoberta de corpos enterrados com cruzeiros para impedir que se transformassem em vampiros após

a morte, uma superstição na Bulgária, que dividiu espaço com notícias sobre ocorrências de trânsito inusitadas, comidas exóticas, entre outras curiosidades. No mesmo ano saiu outra reportagem sobre arqueologia na Bulgária, no caderno magazine do dia 5 de novembro, dividindo espaço com notícias sobre celebridades. Esta ocorrência suscita hipóteses, das quais podemos destacar duas: 1. Os jornais se utilizam de reportagens aleatórias por falta de notícias para preencher espaço; 2. Os jornais têm uma rede de troca ou venda de notícias entre si.

Já no caderno *Poder* apresenta polêmicas relacionadas a sítios famosos, como a proposta de alugar o Partenon, na Grécia, para minimizar os efeitos da crise econômica naquele país; ou a quebra de um paradigma criado em torno da superstição Maia que previa o fim do mundo em 2012; ou ainda sobre o processo de licenciamento de Belo Monte (06/02/2011).

A pesquisa no segundo periódico, o *Diário do Pará* (DOL), pela busca de palavras-chave no acervo online foram coletadas 14 reportagens³. Em 2015 foi localizado o maior número de reportagens (6), decrescendo nos anos anteriores, 2014 (3), 2011 (3) e 2012 (2). A quantidade foi bem distribuída em relação aos dias da semana: terça-feira, quarta-feira e sexta-feira com duas reportagens cada; quinta-feira e sábado com uma publicação cada, e o domingo com três apresentou o maior resultado. Dentre elas quatro foram encontradas por uma palavra-chave monumento, diferente das que usamos no periódico anterior e que demonstrou ser significativa. As demais palavras-chave geraram os seguintes números de reportagens: sítio arqueológico (3), arqueologia (2), arqueóloga/o (2), escavação (1), patrimônio (1) e ruínas (1), como se pode ver na Figura 5. Ao contrário da busca anterior não foi possível identificar os cadernos onde cada reportagem era vinculada pois esta informação não consta na página gerada.

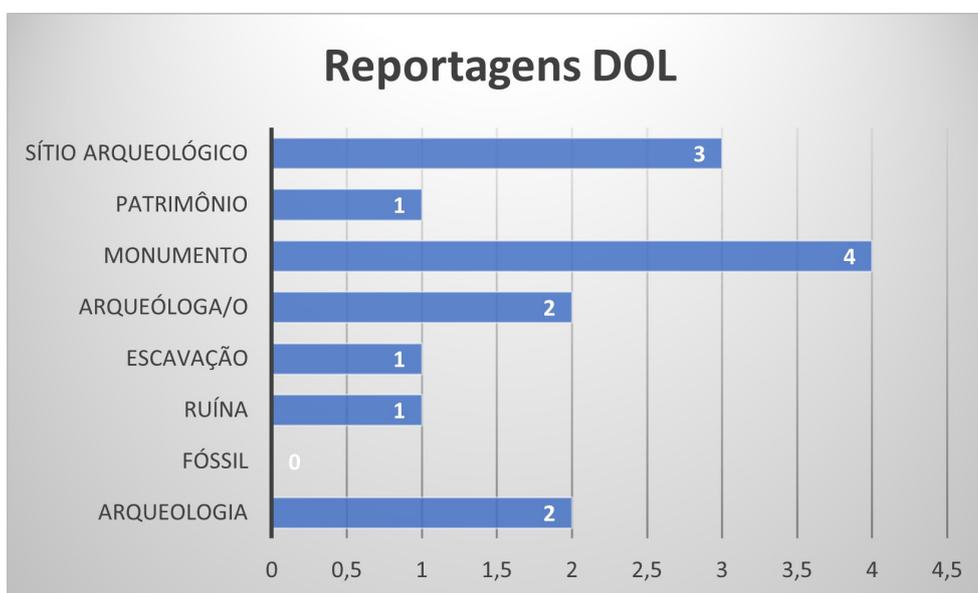


Figura 5: distribuição das reportagens do DOL de acordo com a palavra-chave.

³ As palavras sítio arqueológico, monumento e patrimônio também foram utilizadas nas buscas do *Diário do Pará*, em função da sua dinâmica diferenciada na coleta de dados e da baixa ocorrência de reportagens apenas com as palavra-se previamente selecionadas, e da troca entre as bolsistas.

Os assuntos mais comuns são divulgação de livro e revista sobre patrimônio (3), denúncias sobre o descaso para com o patrimônio (3), aniversário de cidades (3), onde são enaltecidas as belezas e importância locais, constando na mesma matéria indicação de lugares para visitar, ou publicações falando sobre cidades como Belém (1) e Castanhal (1), novamente para enaltecer suas belezas e lugares para visitação turística. Há também sobre doações de peças arqueológicas ao Museu Goeldi (1), e reportagem sobre nota emitida pelo mesmo Museu, intercedendo por reserva arqueológica (1), e, a divulga o de roteiro turístico planejado (1).

Nenhum dos critérios mostrou-se significativo como contraste entre os dados dos jornais, até mesmo as palavra-chave. Não há um tipo, ou tema, ou dia da semana que tenha apresentado padrão suficiente nesta coleta. As reportagens, aparentemente, surgem por demandas contextuais específicas. Este tema certamente merece ser aprofundado, e pode ser justificado por interesses específicos dos agentes por tr s desta institui o, o que explicaria alguma preferência pelo assunto nas publicações.

JORNAIS EM ANÁLISE: O LIBERAL VERSUS DIÁRIO DO PARÁ

Um trabalho recente fez uma análise comparativa do comportamento editorial dos jornais *O Liberal* e *Diário do Pará* relativo à cobertura das eleições ao governo do Estado e ao Senado Federal em 2010. Catete (2012) fala da origem desses dois periódicos, que embora distantes no tempo, nascem no contexto de disputas políticas. Pertencentes a grupos familiares distintos, estes veículos de informa o possuíam o objetivo de defender interesses de seus grupos, exercendo, nesse contexto, funções partidárias. Assim, o jornal *O Liberal* nasce em 1945, no contexto da redemocratiza o brasileira p s Estado Novo, quando o interventor Magalhães Barata o concebe para fins de suporte político no enfrentamento, dentro do campo da m dia impressa, ao jornal *Folha do Norte*. Já em 1966 noutro contexto político e social do país, a Ditadura Militar, foi adquirido por R mulo Maiorana, empresário que tratou de torná-lo uma empresa jornalística. E em 1982 é criado o *Diário do Pará*, num momento mais delicado do referido período ditatorial, cujo contexto de polariza o em nível regional dava-se entre Jader Barbalho (então PMDB) e Oziel Carneiro (então PDS); o jornal é criado por Jader Barbalho, para fazer frente ao *Liberal* que apoiava seu opositor, e repetindo a história de seu antecessor, nasce na condi o de um jornal partidário.

Atualmente, passado o caráter inicial de liga o estrita aos interesses políticos de seus grupos de origem, estes periódicos compõem o conjunto da m dia privada paraense, sendo ambos os de maior expressão nesse setor dentro do Estado. A respeito deste caráter Catete aponta que

A grande m dia privada, pelo seu caráter empresarial, objetiva a venda da notícia. Nesses  rg os, ela é considerada uma mercadoria, para a obten o do lucro. Portanto, a notícia pode sofrer influências de vários atores (anunciantes, leitores, proprietários dos jornais, fornecedores e o próprio Estado, em fun o de questões regulatórias e tributárias), inclusive por interesses políticos (CATETE, 2012, p. 47).

A amostra de 110 reportagens e notas publicadas no jornal *O Liberal* entre 2008 e 2015 revelaram dados importantes sobre como e por que a arqueologia está sendo divulgada na mídia impressa paraense. Com raras exceções, o porquê tem relação direta com eventos relacionados ao tema, bem como atividades de pesquisa, arqueologia preventiva, ou educação patrimonial em desenvolvimento na ocasião de cada publicação. O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) foi a instituição que mais se destacou em quantidade de ocorrências, seguida de uma empresa particular *Scientia Consultoria Científica* e da Universidade Federal do Pará (UFPA). Notícias sobre arqueologia fora do Pará também denotam um interesse da mídia em atividades de pesquisa arqueológica, mas na maioria relatam sobre sítios monumentais e amplamente conhecidos, como o Parthenon, por exemplo.

Já as notas, que se constituem em poucas linhas de informação, são divulgadas com bem menos critério, como o caso da nota com título “Parque dos Dinossauros” divulgando um evento científico internacional. O uso da palavra *ruína* também é bastante corriqueiro, e em muitos casos substitui ou mesmo omite o fato de se tratar de um sítio arqueológico histórico. Situação que espelhou a observação participante realizada em julho de 2015 durante uma visita guiada ao sítio Joanes, no distrito homônimo da ilha do Marajó/PA, visto que na ocasião o guia turístico não mencionou em momento nenhum da visita que se tratava de um patrimônio arqueológico (GODOY, 2019).

O uso da palavra ruína para designar local com potencial turístico é bastante comum, no entanto, nem sempre elas são associadas como patrimônio arqueológico. A reportagem do dia 12 de janeiro de 2014 é um exemplo, quando discute sobre estética, história, e preservação dos bens que retratam o início da ocupação colonial em Belém. Outro exemplo bastante significativo foi localizado no caderno *Atualidades* do dia 18 de novembro de 2009; a reportagem indica uma expedição realizada em parceria com a prefeitura local, composta por historiadores de Curuçá, que buscaram e encontraram ruínas de um antigo muro de contenção. Este exemplo retrata não apenas a ausência da caracterização como estrutura arqueológica, mas a própria ausência da/o arqueóloga/o. Outra reportagem com esta configuração foi publicada no dia 14 de janeiro de 2009, desta vez explicitamente mencionando arqueologia, sobre um curso oferecido à comunidade sobre práticas de escavação ministrado por uma historiadora.

A exceção foram reportagens sobre o sítio Engenho do Murutucu, de 2012, por ocasião da encenação de uma peça de teatro sobre a Cabanagem. Ao visitar o sítio, reivindicado como local do movimento cabano, os artistas se preocuparam com suas condições de preservação e criaram o projeto “Ruínas da Memória” que visava exigir providências do poder público. Criaram ainda a “Associação dos Amigos das Ruínas do Murutucu”, comprovando a ressonância do sítio junto ao público. Entretanto esta identificação popular pode ser analisada como fragmentada ou até conflituosa, visto que a cultura material deste sítio reflete apenas sua ocupação enquanto engenho, e tal associação pode ser refutada pelos dados arqueológicos.

Outra publicação significativa foi sobre o descaso com monumentos públicos e com o patrimônio histórico, onde o autor menciona as estruturas na Praça do Carmo no dia 15 de julho

de 2012. Assinada por Ronaldo Maiorana na coluna *Opinião*, caderno *Atualidades*, a menção sobre arqueologia conferiu valor ao argumento, já que o fato de ser parte de um espaço tombado em nível federal foi mais importante do que o seu valor como memória local, comparado aos outros exemplos citados no texto. Notou-se também o apelo visual para a palavra ‘arqueológicas’, destacada em vermelho em parágrafo já destacado no corpo do texto (Figura 6).

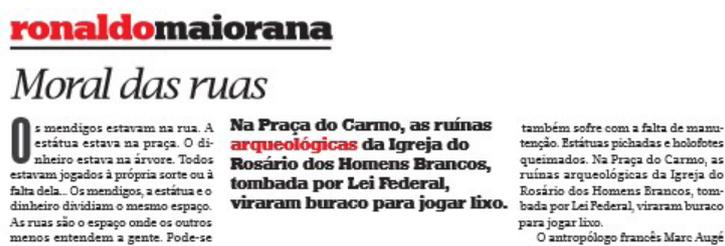


Figura 6: reportagem *Jornal O Liberal*, de 15 de julho de 2012, assinada por Ronaldo Maiorana.

Em relação ao conteúdo didático que reportagens deste teor poderiam assumir, notamos alguns problemas. A baixíssima ocorrência levantada no caderno infantil deste jornal retrata um alerta para a arqueologia, que poderia dividir espaço com a paleontologia; o que se levantou foi um completo ofuscamento, demonstrando oportunidade perdida para atingir este tipo de público através da mídia impressa.

Em geral as reportagens não publicam conteúdo cientificamente controverso, embora utilizem linguagem popular e se remetam a estereótipos, como no caso de adjetivos como *tesouro*, uma forma muito corriqueira encontrada pelas mídias para retratar um patrimônio a ser valorizado, como no caso da reportagem do dia 5 de novembro de 2013 (caderno *Magazine*) que divulgava a abertura à visita de parte da coleção de muiraquitãs do Estado do Pará, classificada pela publicação como a maior do mundo. À vista disso, cabe aqui reforçar o caráter extremamente negativo desta palavra para a prática arqueológica, comum em reportagens apesar do esforço de alguns em desmistificar a pesquisa (TEGA-CALIPPO 2012). Cândido faz a mesma constatação em sua análise em veículos de circulação nacional, quando a palavra *tesouro* se repetiu 37 vezes, em 129 reportagens (2015, p. 41).

O assunto *turismo arqueológico* teve poucas ocorrências, mas se tratando de uma modalidade pouco difundida e ainda pouco desenvolvida podemos considerar sua presença como um fator bastante significativo. Ocorrências diretas à atividade foram localizadas em: 10/11/2014 sobre um convento arruinado na cidade de Itaboraí/RJ; em dezembro de 2012 duas reportagens relacionadas a arqueologia maia: no dia 22 sobre o lucrativo e excludente “turismo apocalíptico” que atraiu milhares de visitantes para sítios famosos em virtude da previsão do fim do mundo no calendário maia, e no dia 25 sobre turistas vandalizando ruínas maias do parque arqueológico Tikal, na Guatemala.

O número de reportagens localizadas no *Diário do Pará* se diferenciou muito em relação à quantidade do *O Liberal*; em função desta característica optamos por fazer uma análise

diferenciada para cada periódico. Apesar de ter apresentado uma quantidade muito inferior, no *Diário do Pará* localizamos reportagens mais voltadas para divulgação turística, e que também incluem notícias de zonas rurais e mais afastadas da região metropolitana de Belém. Nos dois exemplos a presença de adjetivos que remetem a valor econômico estão presentes, *tesouro* e *riqueza* são comuns em ambos. E no âmbito da divulgação turística o tema *patrimônio* costuma estar presente, mas infelizmente em alguns casos a arqueologia está claramente associada a narrativas fantásticas ou pseudocientíficas.

No *Diário do Pará* as reportagens costumam fazer uma divulgação das belezas das cidades, sempre incentivando a visita e indicando lugares. Neste periódico encontramos mais ocorrências sobre cidades do interior do Pará; Cametá, Monte Alegre, Alenquer e Óbidos, são exemplos.

No *O Liberal* a ausência de reportagens sobre o Parque Estadual de Monte Alegre, um dos complexos arqueológicos mais conhecidos e provavelmente com o maior uso turístico no Pará, foi significativa nesta análise. No *Diário do Pará*, destaque para a reportagem do dia 15/03/2015, que relata o complexo em questão como “uma área de mais de 3.000 km² formada por serras, grutas e cachoeiras, e que possui diversos sítios arqueológicos. Pelo menos 30 locais de escavação já foram encontrados e outros continuam sendo descobertos”.

Entretanto o uso de recursos sensacionalistas também é visto com preocupação. Um exemplo é na reportagem do *Diário do Pará* no dia 10/06/2015, sobre Alenquer, o sítio arqueológico não aparece diretamente como um atrativo turístico, mas é claramente utilizado para chamar atenção do leitor: “para se ter uma noção dos encantos do município, existe um sítio arqueológico conhecido como ‘Cidade dos Deuses’ e que vale a pena ser visitado. No local, figuras e expressões gigantes decoram o local”.

No *O Liberal* as ocorrências não relacionam os locais em potencial como sítios arqueológicos, como no caso da reportagem do dia 30 de julho de 2011 que fala sobre a ilha de Cotijuba (Belém/PA) enquanto destino turístico, ilustrada com uma foto das ruínas do Educandário Nogueira de Farias. Outro exemplo de desenvolvimento de produto turístico através da capacitação local para produção de cerâmica com inspiração arqueológica foi localizado no caderno *Magazine*, de 05 de agosto de 2009. São ações institucionais, de mitigação de impacto ambiental de projeto de arqueologia empresarial, que indiretamente fomentam a cadeia do turismo, mesmo que tal ação não seja completamente consciente. Dentre a amostra coletada também consta a divulgação do workshop “Turismo e Gestão do Patrimônio Arqueológico” organizado pelo MPEG em abril de 2009.

Nos dados coletados pelo *Diário do Pará* notamos que o periódico demonstra estar atento às notícias sobre arqueologia como patrimônio, embora a oferta deste serviço, no âmbito do turismo, se dê geralmente de maneira secundária. Suas matérias não destoam daquilo propõe a chamada. A princípio podemos considerar, com base na análise já realizada, que as reportagens expressam valorização pelo patrimônio histórico e arqueológico, sobretudo quando se trata de denunciar o descaso do poder público.

Um destaque importante é a reportagem de fevereiro de 2009 que descreve uma pesquisa arqueológica no sítio arqueológico Joanes (Salvaterra, Marajó/PA), objeto de conflito político e que culminou em prejuízo à equipe de arqueólogos que lá trabalharam, caso descrito por Schaan e Marques (SCHAAN, MARQUES, 2012). Nesta matéria intitulada *Joanes, guardiã da história do Marajó* (22/02/2009), notamos que o conteúdo foi bem trabalhado, coerente e sem atribuir palavras sensacionalistas ao patrimônio. No ambiente conflituoso em que a pesquisa acontecia, uma reportagem irresponsável ou de cunho político teria o potencial de acirrar ainda mais o choque que a equipe de arqueologia e de educação patrimonial experienciou nas relações locais.

DISCUSSÃO: DIÁLOGO ENTRE ARQUEOLOGIA E A MÍDIA É POSSÍVEL?

Pesquisas importantes feitas em dois grandes veículos de imprensa no Brasil constataram que o conteúdo sensacionalista domina matérias no tema, o que inclui ainda pilhagem e pseudo-arqueologia. Ainda há menção muito presente da arqueologia enquanto aventura, seu exotismo, um caráter de mistério que perdura mesmo quando há intenção de desmistificar o discurso (TEGA-CALIPPO, 2012). E para o Brasil constatou-se que as matérias costumam repetir temas e sítios, e no caso dá mais ênfase à notícias estrangeiras (DIAS DELFINA, TEGA-CALIPPO, FERREIRA, GUIMARÃES, CAMARGO, 2013).

Na Veja e na Folha de São Paulo, o perfil das matérias é, em grande parte, sensacionalista, ligado a uma imagem bastante fantasiosa do arqueólogo e da Arqueologia. Além das descrições já transcritas aqui, várias expressões presentes nos textos remetem a um certo fascínio pela Arqueologia e a uma história de pilhagens ainda contemporaneamente. Há também um reforço do imaginário já forjado em filmes de ficção, onde as equipes de arqueólogos estão em disputa por tesouros ou pela primazia da descoberta, mas não propriamente por conclusões científicas (CÂNDIDO, 2015, p. 36).

Porém, há de se constatar que estes problemas não são exclusivos do Brasil. A imprensa alemã, por exemplo, quando sujeita à análise semelhante, indica que jornalistas tendem a se apropriar das narrativas e adaptá-las ao que consideram mais interessante, ou mais importante, e os resultados raramente são o que arqueólogos gostariam (BENZ, LIEDMEIER, 2007). Podemos nos perguntar sobre a importância de se divulgar os resultados de pesquisas arqueológicas ao público, para além de sua obrigatoriedade prevista em legislação.

Com relação a essa necessidade de divulgação, importa destacar que as mídias são diversas, desde o rádio aos blogs e redes sociais que circulam pela web. Essas mídias podem ser construídas por iniciativas públicas ou privadas⁴, com interesses dos mais variados. Como estamos trabalhando com a mídia impressa privada, cabe tangenciar um pouco da relação existente entre ela e a arqueologia.

O jornalismo e a arqueologia têm uma história juntos (pelo menos) desde a década de 1970, quando se construiu sobre a mídia uma visão de instrumento da ciência. Nesta década crescia o número

⁴ Ou mesmo pode se tratar de iniciativas individuais ou alternativas, como vídeos caseiros, ou documentários produzidos por mídias que não compõem o grupo que possui o monopólio no cenário das mídias.

de adeptos da ideia de que o conhecimento científico era superior e que os leigos seriam passivos quanto a esses conhecimentos, sendo como papeis em branco. E detectaram que as próprias pessoas eram as responsáveis por sua falta de conhecimento acerca do trabalho científico. E como medidas, consideraram que deveriam aumentar o nível educacional e promover a compreensão pública da ciência. Elegeram então os meios de comunicação para executar essa tarefa, imputando-lhes a missão de agirem como tradutores e propagandistas do trabalho científico, sendo instrumentos da ciência, e esta que avaliaria o que era correto e apropriado de se veicular. No entanto, apesar de investimentos pesados nessa teoria, os resultados não foram positivos. E atualmente este conceito de “popularização tradicional baseado na ciência” já provou ser insustentável (SCHERZLER, 2007, p. 187).

Optou-se pela busca de um diálogo mais concreto entre essas áreas levando em consideração as especificidades das partes envolvidas nesse processo as quais são o público, o jornalista e a ciência. Benz e Liedmeier (2007) apontam para vantagens mútuas quando essa relação se desenvolve de maneira harmônica para o leitor que terá acesso a um bom conteúdo, para o jornalista que produzirá boa matéria e para o cientista que terá seu trabalho publicado.

Apesar desses resultados apontarem bons motivos para essa colaboração, imperou por muito tempo a ideia de que a divulgação dos resultados da ciência pelos jornalistas seria como uma simplificação ou falsificação dos resultados, sem levar em consideração que os jornalistas utilizam métodos e regras de comunicação completamente diferentes dos arqueólogos, posição defendida sobretudo por Scherzler (2007), que inclusive sinaliza que uma das causas do receio da comunidade científica para com o jornalismo se deu em função de experiências ruins fruto desse contato, aos erros que os jornalistas poderiam vir a cometer ou às simplificações que se teriam de adotar para explicar determinada temática. Do mesmo modo, critica o fato de pesquisadores utilizarem critérios científicos para analisar o trabalho jornalístico, apontando para a necessidade de o cientista colaborar com o jornalista que por vezes não conta com muito tempo para produzir seu conteúdo. E enfatiza a necessidade de autonomia e liberdade de imprensa, não sendo interessante que os cientistas precisem crivar o trabalho final do jornalista, afinal se configuraria como uma tutela do fazer jornalístico. Portanto seria melhor um trabalho em conjunto para obter-se um bom resultado sem que um interfira no trabalho do outro.

Uma questão pouco abordada quando se critica o trabalho dos jornalistas é quando se veicula um conteúdo equivocado; e isto algumas vezes faz-se sem levar em consideração a fonte utilizada. Acerca consideramos que “às vezes o problema não é com a mídia, mas com a própria informação divulgada pelos arqueólogos” (GODOY, 2012, p. 205). Por vezes algumas notícias sobre sítios recém descobertos são divulgadas precocemente gerando consequências preocupantes. E no que se refere a essa cobrança diante das pesquisas mais profundas que deveriam ser realizadas pelos articulistas está a interdisciplinaridade no momento da investigação.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica, o foco é uma linguagem acessível, interessante e que chame a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for preciso, sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem (DIAS, DELFINA, TEGACALIPPO, FERREIRA, GUIMARÃES, CAMARGO, 2013, p. 52).

Seria interessante para o trabalho jornalístico que envolva temáticas do passado ou questões atuais que estejam imediatamente ligadas a temas históricos, que houvesse a prática da busca por interdisciplinaridade na construção da informação. Sobre isso Batista afirma que

jornalistas, antropólogos, historiadores e arqueólogos são profissionais com objetivos, métodos e visões de mundo bastante distintas, mas a análise construída a partir da interdisciplinaridade permite uma aproximação no ponto de vista informacional e prático, pois tal aproximação toma um caráter complementar que irá enriquecer os resultados das pesquisas (BATISTA, 2009, p. 70).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: HÁ FUTURO PARA O PASSADO NA MÍDIA?

Cocô petrificado como sinônimo de patrimônio arqueológico na fala do presidente da República não é novidade. Em agosto de 2019, por exemplo, na cidade de Rio Grande/RS, Bolsonaro usou os mesmos termos quando justificava sua indignação por obras de infraestrutura atrasadas, dizendo que “o cara vai lá, se encontrar, já que está na moda, um cocozinho petrificado de índio, já era. Não pode fazer mais nada ali. Tem que acabar com isso no Brasil. Tem que integrar o índio na sociedade e buscar projeto para o nosso país” (SPERB, 2019). Se nos irritamos com o tom debochado, no final temos que admitir que cocô petrificado é um vestígio arqueológico muito importante, e acaba de comprovar a presença humana anterior a Clovis na América do Norte (SHILLITO, WHELTON, BLONG, JENKINS, CONNOLLY, BULL, 2020).

Compreender a arqueologia em uma sociedade que aparentemente desvaloriza seu passado não é simples. Sua visibilidade, no entanto, pode se alterar drasticamente quando há interesses econômicos ou políticos envolvidos. No final de julho de 2020, em pleno auge da pandemia da Covid-19, novamente o presidente coloca arqueologia nos holofotes da imprensa ao visitar o Parque Nacional da Serra da Capivara/PI, e prometer investir ali para aproveitamento turístico. Poderíamos estar hoje comemorando uma guinada de tratamento, para uma exposição menos danosa da arqueologia na imprensa através das atitudes deste mandatário. No entanto o diálogo se torna mais difícil na medida em que a comunidade arqueológica ainda concebe o turismo como uma prática de exploração no sentido de subtrair, seja pela “sacralização do conhecimento acadêmico, a falta de debates sobre as conexões entre economia e cultura e certa indiferença com relação a divulgação da Arqueologia para com o grande público” ou “apreciação equivocada do campo da gestão” (BEZERRA, 2011, p. 67). Também há que se admitir uma resistência generalizada por qualquer proposta vinda de um governo que deixa claro seu desprezo pela cultura do país.

Quando não há alguma motivação específica, como uma grande descoberta ou alguma pesquisa em andamento, em geral dois temas colocam a pesquisa arqueológica na mídia, de modos inversos: arqueologia como atividade “anti-progresso” versus arqueologia enquanto algo distante, misterioso e exótico. Na Alemanha concluiu-se que não é a produção científica propriamente dita o que faz a arqueologia ganhar maior publicidade perante o grande público, e sim a regularidade e a qualidade das matérias veiculadas pela imprensa (BENZ, LIEDMEIER, 2007).

Este texto não pretendeu aprofundar o tema, mas apenas apresentar um panorama da divulgação científica no norte do Brasil. Há muitos pesquisadores dedicados atuando no Brasil, assim como as plataformas de divulgação estão cada dia mais diversificadas. Hoje é possível localizar vídeos e material de divulgação de grande qualidade, sendo produzidos por pesquisadores para pesquisadores, e por pesquisadores também para o público leigo que é sempre ávido por informação. Hoje ao contrário de 2016, quando esta investigação aconteceu, a quantidade de publicidade de qualidade sobre arqueologia é muito maior, e muito mais sofisticada. Por tratar-se de uma investigação no âmbito de outro projeto, sobre turismo, o que apresentamos aqui é apenas uma oportunidade de se pensar o lugar da arqueologia no cotidiano de pessoas que nem sempre buscam por este assunto, os leitores de jornais.

Uma reflexão importante, que acreditamos atual e não exclusiva da Arqueologia, é o fato de nós não estarmos preparados para nos comunicarmos com a imprensa. Enquanto o profissional de imprensa tem que produzir em tempo recorde e depende do momento ideal para suas publicações, o fazer científico trabalha com dados brutos que precisam ser traduzidos para o público leigo. “Por isso, mesmo considerando a imprensa como um importante canal de comunicação, é preciso compreender que a responsabilidade de se comunicar diretamente com o público de uma determinada área, como a arqueologia, por exemplo, é ainda maior” (DIAS, DELFINA, TEGA-CALIPPO, FERREIRA, GUIMARÃES, CAMARGO, 2013, p. 51). Afinal, o papel da arqueologia é conseguir mediar passado, presente e futuro (FOWLER, 2007). Uma tarefa cada vez mais complexa, no mundo que assiste o apedrejamento de estátuas que já representaram poder, e hoje se consolidam como símbolos de abuso e violência no passado. A arqueologia está mais viva do que nunca, seja na forma de cocô petrificado que embarga uma obra, seja como proposta de salvação econômica através do turismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos* 9, 20, p. 15-29, 2003.
- BATISTA, Érika Patrícia. A interdisciplinaridade como mediadora da veracidade: o diálogo sobre jornalismo, história e antropologia. *Revista de Estudos da Comunicação* 10, 21, p. 69-74, 2009.
- BENZ, Marion, LIEDMEIER, Anna Katrien. Archaeology and the German Press. IN: CLACK, Timothy, BRITAIN, Marcus. *Archaeology and the Media*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007, p. 153-173.
- BEZERRA, Márcia. "As moedas dos índios": um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 6, 1, p. 57-70, 2011.
- _____. Archaeology as Allegory: the representations of archaeology in children's literature in Brazil. IN: SIMANDIRAKI-GRIMSHAW, Ana, STEFANO, Eleni. From Archaeology to Archaeologies: The 'Other' Past. Oxford: British Archaeological Reports - BAR. 2012, p. 67-76.
- _____. Arqueologia, Turismo e Comunidades Locais: reflexões de uma Turista [arqueóloga] Aprendiz. IN: FIGUEIREDO, Sílvio Lima, PEREIRA, Edithe, BEZERRA, Márcia. *Turismo e gestão do patrimônio arqueológico*. Belém: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 2012, p. 149-164.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Arqueologia, museus e a imprensa cearense. *Canindé - Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, 12, p. 131-149, 2008.
- _____. Arqueologia e o Público: pesquisas e processos de musealização da arqueologia na imprensa brasileira. *Revista de Arqueologia Pública* 3, 1, p. 33-48, 2015.
- CATETE, Karlla Gyselle Souza *A imprensa e a política no Estado do Pará nas eleições majoritárias de 2010: Atores, Interesses e Conflitos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, UFPA, Belém, 2012.
- DIAS, Camila Delmondes; DELFINA, Cristiane; TEGA-CALIPPO, Glória; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha; GUIMARÃES, Maria Clara Ferreira, CAMARGO, Vera Regina Toledo. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. *Ciência e Cultura* 65, 2, p. 48-52, 2013.
- FOWLER, Peter. Nor Archaeology and the media. IN: CLACK, Timothy, BRITAIN, Marcus. *Archaeology and the Media*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007, p. 89-107.
- GODOY, Renata de. Arqueoturismo no cerrado e na Amazônia: dois pedaços de um mesmo pote. *Revista de Arqueologia Pública* 9, 2, p. 87-107, 2015.
- _____. O 'antropólogo turista' e a arqueologia no Brasil: da retórica à prática. *Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* 17, 6, p. 1191-1204, 2019.
- GRABURN, Nelson. *Antropologia ou antropologias to turismo?* São Paulo: Papirus Editora, 2009.
- HARDING, Anthony. Communication in Archaeology. *European Journal of Archaeology* 10, 2-3, p.

119-133, 2007.

HOLTORF, Cornelius. *Archaeology is a Brand! The meaning of archaeology in contemporary popular culture*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.

LIMA, Helena Pinto; MORAES, Bruno Marcos, PARENTE, Maria Tereza Vieira. “Tráfico” de material arqueológico, turismo, e comunidades ribeirinhas: experiências de uma arqueologia participativa em Parintins, Amazonas. *Revista de Arqueologia Pública*, 8, p. 61-77, 2013.

PEREIRA, Edithe, FIGUEIREDO, Silvio Lima. Arqueologia e Turismo na Amazônia: Problemas e Perspectivas. *Cadernos do LEPAARQ* 2, 3, p. 21-35, 2005.

SCHAAN, Denise Pahl, MARQUES, Fernando Luiz. Por que não um filho de Joanes? Arqueologia e comunidades locais em Joanes, Ilha de Marajó. *Revista de Arqueologia/Sociedade de Arqueologia Brasileira* 25, 1, p. 106-124, 2012.

SCHERZLER, Diane. Journalists and Archaeologists: notes on dealing constructively with the mass media. *European Journal of Archaeology* 10, 2-3, p. 185-206, 2007.

SHILLITO, Lisa-Marie; WHELTON, Helen L.; BLONG, John C.; JENKINS, Dennis L.; CONNOLLY, Thomas J. & BULL, Ian D. Pre-Clovis occupation of the Americas identified by human fecal biomarkers in coprolites from Paisley Caves, Oregon. *Science Advances* 6, 29, p. 1-8, 2020.

SPERB, Paula *Cocozinho petrificado de índio barra licenciamento de obras, diz Bolsonaro*, Jornal Folha de São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/cocozinho-petrificado-de-indio-barra-licenciamento-de-obras-diz-bolsonaro.shtml>>. 12 de agosto de 2019. Acessado em 27/07/2020.

TEGA-CALIPPO, Glória Maria Vagioni. *Arqueologia em notícia: pesquisas impressas, sentidos circulantes e memórias descobertas*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2012.

VENCLOVÁ, Natalie Communication within archaeology: do we understand each other? *European Journal of Archaeology* 10, 2-3, p. 207-222, 2007.